

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Setorial Campus do Tauarizinho da Unifesspa**

---

Reis, Francilene Ferreira dos

Desafios da permanência da juventude no campo: relatos de jovens do acampamento Helenira Resende / Francilene Ferreira dos Reis ; orientadora, Paola Giraldo Herrera. — [Marabá : s. n., 2019].

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo, Marabá, 2019.

1. Juventude rural - Narrativas pessoais. 2. Jovens - Condições sociais - Marabá (PA). 3. Camponeses. 4. Posse da terra. 5. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Brasil). I. Giraldo Herrera, Paola, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 305.23091734

---

Elaborada por Alessandra Helena da Mata Nunes - CRB2/586

## **Desafios da permanência da juventude no campo: relatos de jovens do acampamento Helenira Resende**

Francilene Ferreira dos Reis, Licenciatura Plena em Educação do Campo, UNIFESSPA  
Paola Giraldo Herrera, Faculdade de Educação do Campo, UNIFESSPA

### **Resumo**

O presente artigo oferece um conjunto de depoimentos de jovens do acampamento Helenira Resende, localizado em Marabá, Pará, no intuito de compreender suas experiências de vida em quanto jovens, isto é, pessoas diversas e em transição (Guaraná de Castro, 2012; Lima 2013, Caldart et al., 2006) e camponeses (Van der Ploeg, 2008), cujo processo de passagem da infância para a vida adulta foi marcado pelo deslocamento desde diversos territórios urbanos e rurais, e a construção de uma nova vida mediante o estabelecimento do acampamento e a sua escola fundamental. Os relatos destes jovens examinam o papel central do movimento social no processo de construção de identidade camponesa (Bogo, 2010) dessa juventude, ao mesmo tempo que revelam um novo desafio para a permanência destes jovens na terra pela qual ainda pretendem lutar: a necessidade de garantir a reprodução física e econômica das suas famílias (Frigotto e Ciavatta, 2012), num contexto onde o trabalho camponês (Alentejano, 2012) ainda não é valorizado e as urgências da sobrevivência econômica se sobrepõem à permanência da juventude no campo.

**Palavras-chave** Acampamento Helenira Resende, educação do campo, permanência da juventude no campo, campesinato e trabalho camponês.

### **Introdução**

O presente trabalho reúne um conjunto de relatos oferecidos por um grupo de jovens do acampamento Helenira Resende, localizado às margens da BR 155 no município de Marabá, fruto da luta pela terra nos antigos terrenos da chamada fazenda Cedro. Pese aos despejos e violências sofridos pelos seus moradores, o Helenira Resende continua integrando a regional sudoeste do Pará do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Os sujeitos participantes desta pesquisa são de fato protagonistas diretos do processo da luta pela terra desde a infância. Embora com diferentes origens, as trajetórias destes jovens compartilham duas questões em comum que serão o fio condutor deste trabalho e que definem a análise. Se trata, em primeira instância, da construção de uma pertença ao campo a través da militância no movimento social durante a infância e adolescência, e em segundo lugar, a ruptura desse processo como resultado das dificuldades para garantir economicamente a permanência no território no momento da entrada na vida adulta.

### **Metodologia**

A pesquisa que origina o presente trabalho só existe graças à cumplicidade desenvolvida pela convivência com os jovens do acampamento Helenira Resende ao longo dos anos. No início tive certa dificuldade, pois os antigos laços de amizade com os membros da comunidade mudavam logo que me aproximava com uma postura de pesquisa. Assim foi necessário estabelecer um acordo de confiança entre pesquisadora e colaboradores, e assegurar a certeza de que todos de alguma forma poderão colaborar com esse trabalho desde a mínima fala até a maior das entrevistas, as conversas informais que com sua simplicidade teve o seu peso para o desenvolvimento desse trabalho.

As entrevistas foram realizadas de forma aberta, sem um questionário preestabelecido, pois trabalhei com estímulos, de vivência e afinidade do cotidiano de meus colaboradores tive um pouco de dificuldade para estimulá-los a falar sobre si mesmo e do lugar onde moram.

Paralelamente, o curso de licenciatura em educação do campo provocava questionamentos sobre o próprio entorno e as realidades do campo, a escola e a educação das populações que habitam os territórios camponeses e as trajetórias coletivas e individuais que constituem a sua história. Ao longo dos quatro anos do curso, as entrevistas, rodas de conversa, atividades pedagógicas e observações complementares à própria convivência no acampamento terminaram por ser a fonte principal das perguntas e reflexões aqui introduzidas. Assim sendo, os relatos de vida, as experiências, problemáticas, dificuldades e aprendizados dos participantes serão complementados com problematizações e análises a partir dos conceitos de juventude do campo, condição camponesa e trabalho no campo, dentre outros.

No total, levei a cabo diversas entrevistas com homens e mulheres moradores antigos e mais recentes do acampamento Helenira Resende; discentes, jovens, professores e funcionários da escola, pais de família, fundadores da comunidade, e militantes do movimento. Igualmente, participei em várias rodas de conversa e outras atividades coletivas com estudantes da escola Alto Alegre, assim como inúmeras conversações com os vizinhos, amigos e familiares que compartilham comigo, no cotidiano, as realidades da condição camponesa.

## **Território**

O povo da terra nunca conseguiu nada de graça precisou buscar cada conquista na marra. Cortar a cerca para partilhar a terra que um dia foi acumulado. Enfrenta a mão armada do latifúndio e resiste á injustiça da lei. Brota da terra a marcha rumo a cidade para conquistar seus direitos. Ocupa ruas, praças, prédios, Vive a solidariedade ao partilhar seu sangue e sua produção, carrega suas ferramentas com orgulho de trabalhador ao partir para o roçado e ao brandi-la ao sol como sinal de resistência. Sente a paixão ocupar o seu coração quando vê a dança da bandeira que aponta o caminho. (Nossos Valores revista do militante nº 01).

O território camponês é o espaço de vida do camponês é o espaço de vida, é o lugar onde uma enorme diversidade de culturas camponesas constrói sua existência. O território camponês é uma unidade de produção familiar e local de residência da família que muitas vezes pode ser constituída de mais de uma família.

A existência do campesinato sem território é muito conhecida em todo o mundo por meio das distintas formas de luta pela. No Brasil o movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) é uma das expressivas referencias da luta de resistência camponesa pela terra e por territórios. Terra e território são espaços e recursos condições e possibilidades de criação ou recriação e de desenvolvimento da população camponesa. (Mançano Fernandes, 2012:745)

Para o MST a formação da fazenda cedro e de várias outras pertencentes a grandes grupos econômicos, são resultado de procedimentos pouco transparentes, e por tanto seus títulos podem ser duvidosos. No ano de 2009 o MPF e o IBAMA entraram na justiça contra um fazendeiro da região. os membros de um grupo econômico e alguns frigoríficos que, ao parecer, compravam gados da fazenda Cedro, acontecimento possivelmente ilegal por falta de um licenciamento ambiental e por ter sido desmatada, sem nenhuma autorização, um área de 6,4 mil hectares, que corresponde a 92% de toda a área, embargando assim as atividades agropecuárias da fazenda.

Ainda nesse mesmo ano de 2009, esfomeadas e obrigadas pela morosidade do Estado, as famílias do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, certos de que uma porcentagem da fazenda Cedro pertencia a área pública e de que se tratava de terra grilada, decidiram então ocupar um

pedaço dessa área, com o objetivo de cultivar a terra e garantir a alimentação das suas crianças, nascendo assim, da fome, o acampamento Helenira Resende.

O trabalho coletivo foi fundamental para o desenvolvimento das condições mínimas de moradia; na hora das construções dos barracos, e na hora da busca desses materiais despertava um certo espírito de aventura por parte dos jovens. A necessidade levou os acampados a tomar conhecimento de sua força, não somente para trabalhar mais também para pensar em possibilidades de lutar pela sua própria sobrevivência e educação para suas crianças e jovens em meio a tantas dificuldades, e desigualdade social e territorial em que se encontravam naquele momento. A juventude estava presente em grande número e animavam a ocupação com seu entusiasmo, dinâmicas e atividades culturais onde desenvolviam músicas, danças, jogos de futebol, noites culturais que envolviam toda a comunidade.

Ainda hoje, apesar do sofrimento provocado pelo violento despejo de novembro de 2017, o acampamento mantém essa essência de espaço de luta e resistência, conforme a conjuntura política do movimento os acampados (as) se organizam nesse local de forma que possam viver em harmonia uns com os outros, o acampamento é um lugar que marcou e que ainda marcam as histórias de vida desse povo que aqui reside.

Os moradores do acampamento Helenira Resende se encontram hoje reduzidos a uma área de terra insuficiente para a sobrevivência, como resultado de uma ação de despejo realizada em novembro de 2017, onde homens e mulheres, jovens e crianças foram expulsas das suas casas e tendo casas, móveis e plantações destruídas em decorrência da operação. Os despejos ocorreram no momento chuvoso e as famílias já estavam plantando suas roças foi um momento de desespero e indignação.

Essa ação atingiu mais de 300 famílias, que tiveram tudo destruído pelas máquinas, sendo assim obrigadas a montar um acampamento de resistência à beira da BR em uma área de apenas três alqueires de terra, onde hoje tentam recomeçar tudo de novo. Cerca de 160 alunos da escola fundamental, dentre eles meninos e meninas, crianças, adolescentes e jovens ficaram sem estudar até que foi disponibilizada uma casa de madeira e palha com dependências precárias, mais que serviu para que professores e alunos concluíssem o ano letivo.

Ainda nesse mesmo local no início do ano de 2018 teve um grave episódio com a aplicação criminosa de glifosato ao redor das moradias dos campados (MUNIZ, 2018). A visita ao acampamento Helenira Resende foi uma solicitação da OAB Marabá e da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Pará (ALEPA). A visita foi realizada em dois momentos, sendo o primeiro no dia 19 de março de 2018, aproximadamente 48 horas após a aplicação, acompanhado de advogados da OAB Marabá e acampados, e o segundo momento no dia 21 de março de 2018, aproximadamente 96 horas após aplicação, havia 51 embalagens do produto glifosato potássico, de nome comercial ZAPP QI 620, e 7 vasilhames do óleo mineral ASSIST. Todas as embalagens possuíam volume de 20 litros. No momento da visita, nem todas as embalagens se encontravam no local, mas os tipos de produtos e o volume das embalagens puderam ser comprovados.

Com todo esse episódio repugnante a comunidade juntamente com o apoio da direção estadual do MST decidiu então reocupar o complexo da fazenda Cedro com esta decisão levantaram o acampamento da área rio Pardo para a Cedro.

Porém as famílias que ainda encontram se acampadas, certas de que uma porcentagem da fazenda Cedro pertence a área pública e que se trata de terra grilada, continuam tecendo estratégias de permanência no território ao tempo que lutam por garantir a reprodução biológica e econômica dos seus membros, jovens, velhos, crianças, homens e mulheres. As narrativas aqui registradas são um exemplo dessa luta permanente, que vai além do território, como mostram as trajetórias itinerantes dos jovens entrevistados.

## **Juventudes**

A questão central que orienta a existência do MST é a reforma agrária, pensada como algo maior que a mera distribuição de terra e que deve garantir além do espaço físico em si condições para o pleno desenvolvimento da dignidade dos seres humanos envolvidos no processo. Os jovens representam um dos segmentos internos ao movimento e possuem suas próprias especificidades, estas não se resumem a necessidades materiais, mais também dizem respeito ao lazer, perspectivas, educação, e outras coisas mais, muitas vezes suprimidas por questões econômicas e estruturais mais urgentes, como a questão da produção ou da organização políticas das famílias que vivem em constantes conflitos com o latifúndio. (Revista do MST, s.d.)

No entanto mesmo com todas as dificuldades do processo de luta pela terra, as participações desses jovens eram e ainda são notadas nas inúmeras noites culturais, sessão de filmes, no campo de futebol, nas manifestações, na escola, em fim são notados com seus barulhos e bate papos. Estes jovens que permaneceram no acampamento desde o início passaram por um processo de aprendizagem, diferenciado do urbano, onde poderão participar da construção de um novo sentido de pertencimento ligado ao movimento dos trabalhadores sem-terra, diante de tudo que dificulta a permanência no grupo ser acampado, é ter uma trajetória instável e de constantes deslocamentos que marcam a vida de todos.

A nossa convivência com os acampados nos levou a registrar a história do acampamento e os relatos de vida desses lutadores do povo, tendo como pretensão contribuir com a discussão em torno da história do território, do movimento e da própria comunidade, contextualizando os dilemas e aprendizados dos indivíduos que fazem parte dela, e dos desafios que enfrentam para permanecer no campo.

É sob a ótica das múltiplas trajetórias e das muitas narrativas que os diversos entrevistados ofereceram, que buscamos entender e apresentar o conjunto das juventudes apresentadas neste artigo. Estamos nos referindo a um grupo de jovens específico que compõe o setor da juventude dentro do acampamento, e não à juventude em geral, pois as suas características, como veremos em seguida, vão além da idade, mas estão relacionadas com o trabalho, a sociabilidade e a educação, entre outros. Como explica Elisa Guaraná de Castro (2012),

“O debate sobre juventude, principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, trouxe o olhar da diversidade. Para além dos cortes etários, ou apesar deles, não se fala mais em juventude, mas em juventudes (Novaes, 1998). Sem dúvida, é um caminho que contribuiu para fugirmos de um olhar homogeneizante. Helena Abramo (2007) nos traz, por exemplo, a importante reflexão sobre a associação entre juventude, educação e lazer, como uma construção socialmente informada” (Guaraná de Castro, 2012, 439)

Precisamente os jovens entrevistados no transcorrer desta pesquisa se entendem como jovens, não só pela sua idade, senão pelos contrastes entre sua vida no campo e a sua experiência da cidade, senão também pela sua condição de trabalhadores, produtores familiares que lutam pela terra e pela realização (ainda não consolidada) dos seus direitos:

“Em comum, trata-se de uma juventude que ainda se confronta com preconceitos das imagens “urbanas” sobre o campo. Esses jovens se apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores,

pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos” (Guaraná de Castro, 2012:442)

No caso dos jovens entrevistados, poderemos observar o choque inicial vivenciado no primeiro momento da sua chegada no campo, e as diversas explicações que eles farão do seu processo de adaptação, mediado, em primeira instância, pela integração ao movimento social, e em segundo lugar, pelo processo de conformação de amizades, posteriormente famílias, e, na atualidade, as dificuldades para garantir sua cidadania mediante o trabalho (no campo ou assalariado). Tudo isso nos permite ressaltar quanto necessário é levar em conta que não se trata de jovens organizados por uma demanda específica da juventude, senão que são jovens mobilizados pela expectativa de construção de um novo projeto de vida no qual se inserem pessoas de todas as idades.

Para melhor entender essa questão de pertencimento a uma comunidade, retomamos o conceito de identidade elaborado por Zigmunt Bauman (2005), quem diferencia entre a comunidade de vida e a comunidade de destino. A comunidade de vida remete a grupos tradicionais ligados por um passado comum no qual se nasce e do qual se compartilha, já a comunidade de destino define grupos unidos por ideias e variedade de princípios.

Tornamo-nos consciente de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida são bastante negociáveis, e de que decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para identidade. Em outras palavras a ideia de ter uma identidade não vai ocorrer as pessoas enquanto o pertencimento continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa, só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada. (Bauman, 2005)

De acordo com Bauman, sentir-se pertencente é o fator que possibilita a consciência de que existe uma identidade. Nesse sentido “ter uma identidade” só é possível quando o sujeito se distancia de sua comunidade de destino e passa a “pertencer” a outro grupo que foi por ele escolhido. Sendo as escolhas e identidade sempre múltiplas, são muitos os “pertencimentos” jovens migrantes militante do MST, estudante, trabalhador, pai de família, fazer parte da construção da história entre outras possibilidades de vida.

A identidade camponesa, acampada, assentada consolidada ao redor da luta pela terra, e especificamente, construída no acampamento Helenira Resende, está encaixada dentro dos moldes do que Ademar Bogo (2010), define como “a identidade de resistência”, entendida como uma “intermediária entre a identidade legitimadora e a de projeto ou alternativa é importante para se estabelecer o lugar em que se estar na contestação do poder dominante, dessa forma é que a identidade na atualidade deve perseguir um projeto em negação do projeto dominante e sem ignorá-lo ultrapassar os limites por ele impostos” (Bogo, 2010:119). Assim,

A identidade de classe é um longo processo de construção que carrega em si muitas contradições seja na vida social, na atividade política nos princípios e métodos organizativos. É pela luta que os sem-terra e os pequenos agricultores encontram sua identidade de classe. Sem a luta não haveria condições de atingir esse patamar de relação entre si e com as demais forças. A organização de classe impede que cada um se isole em seu espaço. [...] Os trabalhadores sem-terra movidos pela esperança de conquistar o seu espaço levam tudo o que tem e mesmo no perigo do conflito acreditam que os filhos estão mais seguros com eles do que se ficassem para trás assim na coletividade, ao mesmo tempo em que as pessoas se educam, se identificam. [...] Os sem-terra passam a ser conhecidos a partir do momento em que vão para a ocupação no momento em que organizam o acampamento levam para dentro dele todas as cicatrizes que existem na pele e na consciência, rapidamente mudam o comportamento porque compreendem o que estão fazendo e passam a confiar na organização. (Bogo, 2010: 148)

A hipótese central que é desenvolvida aqui, consiste em que de fato, a experiência de vida no acampamento, junto com o processo de militância no movimento, funcionou como elemento de criação de uma identidade camponesa a partir de origens diversas, mas a permanência dos jovens no campo está ameaçada pela falta de alternativas econômicas para que as famílias por eles conformadas tenham condições adequadas de vida. Para examinar estas questões, além das falas dos próprios sujeitos, nossa interpretação se apoia na caracterização da condição camponesa contemporânea, tal e como apresentada em *Impérios Alimentares* por Jan van der Ploeg (2008):

“[...] as características fundamentais da condição camponesa são (1) a luta pela autonomia que se realiza em (2) um contexto caracterizado por relações de dependência, marginalização e privações. Essa condição tem como objetivo e se concretiza em (3) a criação e desenvolvimento de uma base de recursos auto-controlada e auto gerenciada, a qual por sua vez permite (4) formas de co-produção entre o homem e a natureza viva que (5) interagem com o mercado, (6) permitem a sobrevivência e perspectivas de futuro e (7) se realimentam na base de recursos e a fortalecem, melhorando o processo de co-produção e fomentando a autonomia e, dessa forma, (8) reduzem a dependência. Dependendo das particularidades da conjuntura socioeconômica dominante, a sobrevivência e o desenvolvimento de uma base de recursos própria poderão ser (9) fortalecidos através de outras atividades não agrícolas. Finalmente, existem (10) padrões de cooperação que regulam e fortalecem essas inter-relações” (Van der Ploeg, 2008:40)

A convivência no acampamento Helenira Resende se enquadra dentro dessa condição camponesa. Através do trabalho, produzimos o pão nosso de cada dia, é na produção social da nossa vida que nos transformamos, a luta pela reforma agrária nos ajuda a entender que o trabalho gera vida, ele produz o alimento e reforça novas relações com nossa família, com o ambiente e com a sociedade. No início do acampamento homens e mulheres, jovens e até crianças maiores uniram se para cultivar uma roça coletiva. Com o passar dos dias os grupos limpavam a área e começou então o cultivo coletivo das roças, plantando hortaliças, milho, mandioca, feijão e outros. O cultivo de roças coletivas já não se usa mais, hoje cada família produz o que pode nos espaços que tem, mas ainda existem momentos coletivos que os jovens aguardam com interesse: eu também gosto muito de caçar e pescar no rio vermelho nos finais de semana. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Esta relação homem natureza, chamada por Van der Ploeg de co-produção, é um dos elementos definidores da nossa vida cotidiana no acampamento, pois a “transformação e interação entre o homem e a natureza” permite à gente aproveitar os benefícios da natureza para sua sobrevivência e dos seus familiares, tal como acontece no acampamento. A agricultura, a criação de animais, a horticolturas, a caça e a pesca são as atividades mais trabalhadas no acampamento, assim como também o uso de recursos da natureza para construção de suas casas.

A construção e desenvolvimento de uma base de recursos são também, como diz Van der Ploeg (2008) “condições indispensáveis para o andamento da coprodução” no acampamento, assim com muita luta e dificuldades alguns jovens juntamente com suas famílias trabalham no plantio. Esta produção as famílias usam para fazer farinha e seus derivados aproveitando a mão de obra familiar. Algumas mulheres também cultivam pequenos canteiros de hortaliças como o cheiro verde, alface, couve, pimentas em suas variadas espécies, pepino, abobrinha, em seus quintais para ajudar na alimentação da família, como também alguns tipos de plantas medicinais tais como o anador, meracilina, babosa, hortelã, malva do reino e boldo. Para os cuidados de pequenos males que afetavam a comunidade. a criação de animais galinha, porco, a água usada para consumo geral é extraída de poços puxada com bomba. De acordo com falas de alguns de nossos colaboradores o trabalho com a família se faz necessário para garantir recursos para se viver melhor.

“eu gosto muito de trabalhar na oficina de motos as vezes quando o rapaz precisa eu vou ajudar ele ai ele me paga eu também faço farinha mais meu pai na roça do seu Tota lá ele

tem muita mandioca ai a gente pega de meia o que a gente fizer agente dividi, minha idade é 17 anos”. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Quanto aos padrões relações mercantis, a agricultura do assentamento está baseada sim nesse “fluxo relativamente autônomo de recursos produzidos e reproduzidos na própria localidade agrícola de modo que somente uma parte da produção total é vendida logo a é consumida pelas famílias” que van der Ploeg menciona. No Helenira Resende o extrativismo é uma atividade desenvolvida por alguns trabalhadores, que colhiam e ainda colhem açaí para vender fora da comunidade, no intuito de assegurar parte da alimentação para as famílias: eles e ainda vendem o açaí ainda in natura para alguns comerciantes de polpas residentes nas vilas vizinhas, além da venda de hortaliças, galinha caipira, e em pequena quantidade o leite de gado.

Isto se facilita, pois acampamento não tem problemas com transportes pois a mesma encontra-se à beira da BR 155, não havendo problemas para escoação dos produtos que venham a ser comercializados, no entanto esta venda maior não acontece, pois as famílias temem em fazer grandes plantações por medo de ter novas ordens de despejo. É por este motivo que no acampamento Helenira é forte a tendência a produzir para a sobrevivência: além do nível de sobrevivência depender da localização temporal e espacial, também dependem das relações com grupos sociais de outras localidades, no caso dos nossos colaboradores a noção de sobrevivência na maioria dos casos a autossuficiência implica que a produção seja em primeiro lugar destinada preencher para as necessidades das famílias.

Se bem, como diz van der Ploeg, o fortalecimento da base se faz necessário para o equilíbrio econômico das famílias e da comunidade, no acampamento resulta mais difícil para os jovens trabalhadores fortalecer algo que já está defasado, ou seja, um território cuja população se encontra em condições de vulnerabilidade no acesso à terra, especialmente depois do despejo e que apenas com sorte conseguiram ficar na área da união, mas até o momento continuam tentando melhorar o que sobrou dos plantios, os animais e com isso garantir a produção que alimenta suas famílias.

A sobrevivência e o fortalecimento da base de recursos, segundo a nossa leitura do Van der Ploeg, são estratégias que podem ajudar a reduzir a dependência do campesinato perante o mercado. Este é o caso, ainda em processo, no Helenira Resende. Na vivência cotidiana podemos ver o esforço desses jovens trabalhadores que lutam por uma vida mais digna mesmo sendo com muitas dificuldades.

Na maioria das vezes, a pluriatividade é uma forma de suplemento da renda no acampamento, de maneira semelhante ao explicado pelo próprio Van der Ploeg. No caso dos acampados, a maioria dos moradores realizam alguma atividades assalariada para pagar contas, fazer compras dos alimentos que não são produzidos no lote, e essas atividades são realizadas de maneira esporádica, combinadas com o trabalho no campo, e na própria comunidade ou nas vilas vizinhas: “eu estudo, e eu trabalho na minha casa e na roça com meu marido quando ele não tá trabalhando no Parauapebas de ajudante de pedreiro” (Entrevista com Ferreira 2018).

Esta pluriatividade consistente na combinação das tarefas produtivas no lote com a realização de trabalhos externos em troca de dinheiro, é uma característica importante na vida dos jovens entrevistados. Como veremos nas narrativas deles, “é frequente encontrar que eles compartilham com a sua família o cuidado dos plantios e os animais, as tarefas da casa e até a venda dos produtos fora do acampamento. Porém, como veremos também, esse trabalho familiar, desenvolvido pelos jovens dentro do lote nem sempre é reconhecido como trabalho, pois o emprego eterno, ainda que informal e em condições precárias, fornece o dinheiro que os jovens com frequência precisam para suas necessidades além da subsistência.

“moro com meus pais no lote eu trabalho lá mesmo fazendo farinha, plantando mandioca, e feijão de vez em quando eu sai para dar umas diárias na fazenda RR, ai nesses dias eu



não vou pra escola meu pai briga mais eu preciso de dinheiro pra comprar alguma coisa né”. (Entrevista com Ferreira 2018)

Este, acreditamos, é um dos principais desafios a serem superados para responder, desde o campo, às demandas da sua juventude: conforme vão crescendo e entrando na vida adulta, as crianças do acampamento viraram jovens, e suas necessidades de socialização, de autonomia, e até de formar uma família própria vão exigindo deles encontrar outras fontes de renda para além do campo. De maneira complementar, mas não menos importante, os processos de construção de identidade na sociedade contemporânea passam pelo consumo, contribuindo assim para fazer mais rica e complexa a própria identidade camponesa destes jovens.

Os padrões de cooperação descritos por Jan van der Ploeg, expressos em laços familiares e de vizinhança, e mais ainda, concretizados na pertença ao movimento, são uma alternativa para garantir a sobrevivência da comunidade e resolver os problemas mais urgentes. Porém, a maioria das famílias e as pessoas idosas, em muitos casos, estão vinculadas a programas de transferência de renda como Bolsa Escola e Bolsa Família, ou recebem aposentadorias, mas isso ocorre com menos frequência com os jovens, pois os programas federais para a juventude como o pró- jovem não contemplam os jovens do acampamento.

Adicionalmente, o acampamento não dispõe ainda de uma associação ou cooperativa para realização de tarefas de cooperação, mais a organização do MST faz um trabalho semelhante, só que não há trâmites com bancos ou entidades federais. Porém, esta alternativa ainda se apresenta como limitada e intermitente para responder às necessidades dos mais jovens, os quais enxergam com angústia o futuro pensando que apenas consiste na inserção no mercado de trabalho: “eu não trabalho minha mãe ainda recebe bolsa família e me ajuda no que pode eu não sei fazer muita coisa então não tem nem como trabalhar mesmo eu moro é aqui e aqui não tem emprego de nada nem um curso nada”. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Desde a sua relação com a terra e a natureza, passando pela exploração dos recursos naturais disponíveis no território aonde se encontra o acampamento, a vida cotidiana dos trabalhadores e trabalhadoras do Helenira Resende, pode ser entendida como uma vida dentro da condição camponesa, aonde a base de recursos, a mão de obra familiar, a pluriatividade, e o trabalho no lote garantem a sobrevivência mas não são a única fonte de renda ou autonomia. A pertença ao movimento Sem Terra, como veremos na continuação, contribui também para fornecer momentos de sociabilidade e lazer, alternativas de educação e organização da vida em coletivo que criam e fortalecem os laços de cooperação que garantem uma relativa autonomia dessas famílias e solidificam seu sentido de identidade camponesa, isto é, sua pertença ao campesinato.

### **Sociabilidade: do estranhamento à luta pela terra a traves do movimento**

O que percebemos em meio dessas trajetórias dos jovens entrevistados é que os mais novos se envolvem e tem anseio em se envolver em atividades coletivas com outros jovens, principalmente no setor cultura e lazer, nas viagens que são realizadas com o setor da juventude, no acampamento da juventude e o encontro dos sem terrinhas, mas também nos atos e mobilizações e outras atividades do movimento. Esta participação jovem nas atividades do movimento, além de dar oportunidades de aprendizagem e organização, também é um processo de fortalecimento de uma identidade camponesa particular, entre o campo e a cidade.

A análise das narrativas que se segue foi pensada a partir de noção de um duplo pertencimento à juventude e à comunidade no momento em que formam suas novas famílias, pois ao optarem pelo menos em primeiro momento por permanecerem no acampamento, evidenciam que existe a opção de iniciar uma nova jornada de vida junto com os povos do campo e juntos lutar por um pedaço de terra e garantir o acesso à educação, a saúde e o emprego. Além disso, percebi também que o processo de deslocamento da cidade de Marabá para o acampamento se deu a partir da negação, a falta de oportunidades de trabalho e até para continuar os estudos; constatei também que não se

tratava somente de uma questão de sobrevivência econômica, mais também do entendimento que que a vida no campo traz consigo uma maior oportunidade de sobrevivência, ao contrário do que acontece na cidade.

Ao longo dessas trajetórias acompanhando as famílias de alguns jovens que cresceram ou vivenciaram fortemente a cultura urbana viram-se a partir da entrada no movimento, envolvidos pela realidade precária em que se encontrava o acampamento no início, realmente houve mudanças com o passar dos anos. É frequente encontrar nos relatos dos entrevistados como a vida no campo, que num primeiro momento parecia difícil, com o tempo, e por conta do trabalho coletivo, vai se facilitando. Por exemplo, apesar do estranhamento que sentiram por falta de energia elétrica, água encanada esses jovens ficaram e conseguiram se adaptar. Para outros, já com experiência de morar na roça, a pertença ao movimento também foi significativa:

“Desde criança nega fui criada praticamente na roça, minha mãe sempre foi agricultora. Por isso que eu não estranhei nada quando eu cheguei aqui, logo me adaptei, mesmo sem conhecer direito a galera logo fiz amizade com uma turminha bem legal, agente se reunia a noite pra jogar conversa fora era bom, mais quando o papo tava bom ai dava 10 horas esse era o horário de silencio todos precisava se recolher em seus barracos e não podia andar mais no meio do acampamento não se não iria para o barracão no outro dia” (Entrevista com Ferreira, 2018).

Como eles mesmos nos contam, a chegada ao acampamento é um momento de estranheza em relação a nova condição de sobrevivência dentro de um acampamento do MST, não se tratam de trabalhadores rurais que ocupam uma área e dão continuidade ao seu modo de viver e produzir, e sim de pessoas que assumem a tarefa de aprender uma nova forma de vida e de trabalho. O estranhamento em relação a nova situação de vida e do novo lugar de vivencia pode ser percebido em algumas narrativas de alguns dos jovens entrevistados:

No primeiro dia que eu cheguei aqui eu não gostei muito não e tive vontade de ir embora, eu falei pra minha mãe que queria ir embora mais ela disse que não e que eu ia estudar na escola (Entrevista com Ferreira, 2018).

Quando eu vim pra o sem-terra primeiro eu achei muito estranho ter que mora no barraco de palha coberto com lona, sair da cidade e ter que morar num barraco que quando chovia molhava tudo meu deus do céu era ruim ó demorou pra mim me acostumar foi muito difícil, depois comecei andar com os meninos ai melhorou (Entrevista com Ferreira, 2018).

Embora os jovens manifestam um choque inicial no momento ao chegar na roça, logo eles mencionam como a sua participação no movimento cria uma sensação de pertença e alivia esse estranhamento com respeito a vida na cidade (Entrevista com Ferreira, 2018).

Estou aqui desde a ocupação da fazenda logo que a gente veio pra cá, eu senti falta de escola pra gente estudar, por que é muito ruim ficar sem estudar por que a gente tinha que acordar cedo num frio que fazia e as vezes chovendo pra poder ajudar o pai a plantar mandioca ainda bem que era pouca a primeira vez que trabalhei na roça foi aqui mais foi legal estou aprendo ainda, o mais difícil que eu achava era a falta de luz só que os homens puxou, e ai ficou bom. Nos tinha que lavar roupa no açude e puxar no poço pra beber e cozinhar (Entrevista com Ferreira, 2018).

A importância do lazer na vida dos jovens se trata da construção e da manutenção de espaço de sociabilidade entre os jovens e de fortalecimento dos laços de vizinhança que define a condição camponesa. Tal como Van der Ploeg menciona, os padrões de cooperação (que alimenta a luta pela autonomia) e a família como fonte principal da obra da agricultura familiar dependem desses laços de vizinhança e da criação de novas famílias que os espaços de lazer tem como função

promover. Resulta lógico então que a sexualidade também seja uma questão aparece nas entrevistas:

“de certa forma é importante a gente está comentando nesse meio tempo pelo fato de que muitas vezes os jovens podem encontrar um parceiro (a) no próprio grupo de convivência, ou seja, dentro do acampamento em meio aos encontros da juventude nas igrejas, nos eventos que acontecem dentro ou fora do acampamento, e isso colaborou muito para a permanência desses jovens no movimento”. (Entrevista com Ferreira, 2018)

A possibilidade de diversão e de encontrar amigos com ideias aproximadas das suas foi um fator de integração entre os jovens, além disso formular uma crítica, falar de mobilização, luta, cultura e lazer fortalecem a formação da identidade de jovem revolucionário sem-terra. O incentivo as práticas culturais parece ser, por tanto, um bom caminho tanto para fortalecer o espírito crítico dos jovens e a vontade de lutar por uma vida diferente e melhor, tanto para leva-los a criar novas atividades de sociabilidade e cooperação dentro do acampamento mesmo, tal e como eles mesmos ressaltam:

Agora vou contar uma coisa que eu gosto muito (risos) de festas era o que eu mais gostava de organizar junto com o outros que ficava pra fazer isso sempre quando ia ter alguma festa assim do tipo quando era aniversário do acampamento, natal, festa junina, aniversário de alguém, precisava ter uma reunião ter uma reunião de coordenação primeiro por que tinha que decidir se iria deixar entrar bebida alcoólica se a coordenação ia vender, ou se liberava pra quem quisesse comprar o que quisesse em fim tinha tudo isso pra poder acontecer a festa e depois de muita conversa o povo entrava num acordo ai era mãos a obra, nega vou te contar quem gostava de festa era nós, a galera sempre amanhecia o dia bebendo eita mais era bom (Entrevista com Ferreira 2018).

Não tinha muita coisa para se fazer enquanto não estava trabalhando em casa fazendo as coisas ou ajudando a mãe na horta dela nos jogava bola de tarde juntava eu e as mulheres ia para o campo jogar futebol nos criamos até um time feminino que num determinado dia da semana nós ocupava o campo e só saia no início da noite, as crianças adoravam quando a gente estava jogando por que aproveitavam e jogavam também (Entrevista com Ferreira 2018).

O encontro dos jovens no contexto do grupo da juventude permitiu eles, por uma parte, satisfazer as suas necessidades de socialização e lazer, mas, muito importante também, ter acesso a uma outra leitura da realidade, mais política, que lhes permite reconhecer e defender seus direitos. A juventude organizada do acampamento assume seu papel político e militante nas organizações dos eventos de lazer e esportivos que sempre eles gostavam de fazer no campo de futebol existente no acampamento tais como torneios de futebol, e atividades culturais onde desenvolviam músicas, danças, jogos de futebol, noites culturais e outras atividades que envolviam toda a comunidade.

Dentre as atividades com mais destaque na vida dos jovens se encontram as viagens e o acampamento pedagógico da juventude que acontece todo ano no assentamento 26 de abril, onde por uma semana, jovens de todos os cantos do país se reúnem para debater temas ambientais e políticos, a conjuntura econômica e realizar oficinas artísticas e outras atividades de convivência. O acampamento encerra com uma grande manifestação protagonizada pela juventude, juntamente com todos os trabalhadores rurais do MST na curva do (S), manifestação para lembrar do massacre ali acontecido em 1996. Duas jovens do Helenira contam suas lembranças dessa experiência:

Antes das nossas viagens, nós fazíamos uma grande reunião com o coletivo da juventude para treinar os gritos de ordem do acampamento, depois organizava as bandeiras e os materiais, tambores, pandeiros, meia lua instrumentos de músicas. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Quando nós chegávamos ao lugar determinado com a abertura do espaço que nós acampávamos nós realizávamos uma grande mística, depois da apresentação da mística nós apresentávamos os nossos gritos de ordens do acampamento e do coletivo da juventude, depois fazia a animação com os instrumentos musicais. (Entrevista com Ferreira, 2018).

É pertinente ressaltar aqui a importância da mística como parte da vida e da luta: nos últimos tempos os movimentos sociais passaram a usar a palavra mística como sinônimo de animação muitos até veem a mística como uma sessão dentro da atividade política como se ela fosse um momento apenas de encenação e pronto, daí em diante o encontro estaria liberado para falar sério. Mais a mística é muito mais, ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim, é aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não. Por isso que a mística é fundamental para a vida e para a luta, sem mística na vida cotidiana perdemos a alegria a vibração o interesse e motivação pela luta.

A luta de classe tornou-se um lugar de convivência, admiração e esforço coletivo, lutar faz parte da existência como o trabalho ou a festa, é por isso que cantar na festa ou na luta não há contradições ensinar os problemas da vida e imaginar soluções faz parte da capacidade misteriosa de cada ser humano onde cada qual demonstra os sentimentos e as habilidades do seu jeito. (Ademar Bogo 03-2010.)

De acordo com o próprio MST, a participação dos jovens nos grupos organizados pelo movimento permite a integração entre colegas da mesma faixa etária, os espaços de sociabilidades que eles necessitam. Nesse mesmo sentido, destaca-se o setor de lazer, educação e juventude enquanto expressão de sujeitos históricos e coletivos onde jovens homens e mulheres que se destacam em meio os elementos conflituosos presentes dentro do acampamento, identificando-os num amplo contexto deste segmento em suas capacidades de organização e mobilização de toda a comunidade. (Revista do MST, s.d.)

A disposição desses jovens está presente também nas mobilizações e as manifestações que são enriquecidas com suas místicas historicamente presentes no cenário do acampamento Helenira Resende, como também em todos outros acampamentos e assentamentos do MST, no sentido de produção das relações culturais específicas do povo camponês. No decorrer do processo da luta pela terra, a formação político-ideológica dos acampados os permite compreender que Lazer, que Cultura, que Esporte e momentos de descontrações serve à toda classe trabalhadora no geral assim como para as crianças e a Juventude Campesina.

Esses momentos servem para fortalecê-los a enfrentar a luta pela terra, por dignidade, respeito enquanto povos do campo que buscam sobreviver no meio da desigualdade territorial e social em que se encontram, a lutar contra o latifúndio, contra o agrotóxico que envenenam suas plantações afetando sua saúde de uma maneira ou de outra, a cuidar de si mesmos e dos seus, e servem até para espantar seus próprios medos; da fome da necessidade, do desemprego, da falta de políticas públicas e a demora eterna da tão sonhada reforma agrária. Como afirmam nossos colaboradores:

Quando eu resolvi vim pra cá foi por causa da minha mãe e porque eu já queria ir embora mesmo de Marabá tudo pra mim estava ruim eu parei de estudar, eu gostei e logo já tava participando do coletivo da juventude, a participar das reuniões e organização das manifestações onde agente se reunia cantava as músicas do MST, entendeu animava na frente da pista nos fazia místicas e tudo (Entrevista com Ferreira, 2018).

Cheguei aqui no acampamento meio sem jeito eu não conhecia a realidade daqui cheguei com minha mãe e no outro dia eu queria ir embora, mais depois comecei a participar das reuniões do setor de juventude e em assembleias, então comecei até a gostar (Entrevista com Ferreira, 2018).

Depois de muito ouvir as histórias de vida de alguns jovens que integram o setor de juventude do acampamento nos permite uma aproximação maior da trajetória de vida desses jovens e suas famílias, e até que ponto o movimento dos trabalhadores rurais sem terra MST tornou-se uma alternativa de vida e de luta, nos leva a um questionamento quais circunstâncias os levaram para o acampamento do MST, e como se deram os processos de transformação do território em um lar.

Aqui só tem o rio vermelho mesmo ali e de vez em quando nós vamos lá pescar, se divertir um pouquinho, jogar bola no campo enquanto a escolta não volta pra cedro, assistir um filme na casa de algum de nós, cada um sai juntando os filmes nas casas e leva lá pra todo mundo assistir juntos, vamos pra igreja, mais durante a semana eu ajudo meu onde nós morávamos no plantel enquanto a escolta não vem. Tá triste agora depois do despejo aqui é muito ruim é o pior dos acampamentos que nós já passamos. (Entrevista com Ferreira, 2018).

Apesar de às vezes se cansar com a vida de acampamento, os benefícios encontrados nas propostas de assentamento permitem que eles conheçam outro tipo de vida as experiências lhes da base para comparar as vantagens e desvantagens de morar no campo, e aprender como sobreviver dele, ou até quem sabe ter oportunidade de escolher este ou outros caminhos para viver.

A valorização das atividades voltadas para o prazer e lazer de uma forma geral é um aspecto relevante na vida de nossos colaboradores sendo motivo de descontentamento no seu dia a dia, como é o caso dos mais jovens que vivem ainda com as suas famílias de origem, não sendo por tanto obrigados a pensar de forma urgente um projeto vida pensando num futuro próximo, as preocupações dele ainda é o bem estar, o papo com os colegas no caso atividades mais voltadas para seu lazer e de seus companheiros.

Aqui tinha uma galera boa, antigamente o setor era uma beleza, a gente fazia intervenção cultural, era encontro direto sempre a gente inventava uma coisa pra fazer, era uma galera no ônibus escolar, nas manifestações, nas festas, e hoje não tem mais ônibus e nem festa, só manifestação, mais não é mais bom, como era antes acho que tudo isso é por causa de tanto despejos que tá tendo agora. (Entrevista com Ferreira, 2018).

No entanto, é evidente que as atividades coletivas organizadas no movimento trazem oportunidades de conhecer o universo cultural de outros assentados, mas também são um momento de passagem para a vida adulta por parte dos jovens do movimento, pois com frequência é nessas viagens que entram em contato com outros jovens com lutas e experiências semelhantes, e se fortalecem amizades que com o tempo, poderão se constituir em parcerias.

Não é possível deixar de mencionar os impactos mais individuais desses processos de socialização, pois para os jovens trata-se do direito básico de conhecer e explorar sua sexualidade, e às vezes esses relacionamentos geram filhos de forma inesperada, associando a vinda de um filho ao abandono dos estudos e de projetos de vida. Isso porque a chegada de filhos obriga os jovens a assumir o papel de provedor de uma família o que na maioria das vezes não condiz com sua estrutura emocional e material.

Este foi o caso de duas das colaboradoras, as quais após engravidarem tiveram que abandonar os seus estudos. Na atualidade, ambas jovens combinam suas próprias responsabilidades, tem filhos, esposos, trabalhos, embora no mercado informal, mas se ocupam afim de ganhar algum dinheiro para ajudar nas despesas de suas casas, contam limitadamente com o benefício do bolsa família que é pouco mais ajuda muito. Vejamos as suas falas, onde acharemos diversos elementos para continuar a análise:

Sempre morei com minha mãe, quer dizer, já morei em outras casas depois que me tornei mulher e tive filhos, mais agora eu moro aqui perto dela ela na casa dela e eu na minha

ela tem a terra dela e eu tenho a minha só que eu não moro na terra não eu moro mesmo no acampamento porque eu tenho um filho de 4 anos que está estudado no jardim aqui na escola, ai eu preciso trazer ele todo dia, vou levar e vou buscar é perto mais eu gosto de acompanhar os meninos daqui são muito danado. (Entrevista com Ferreira, 2018).

E também eu me casei em 2016 e engravidei ai já viu né marido filho enjoo menina eu não tava mais aguentando não ai eu entreguei a coordenação da juventude, e fiquei só em casa e estudando mesmo na marra, não via hora de menino ai ganhei quando ele jatava grandinho eu comecei a vender produtos da AVON pra poder comprar as coisinhas dele e pra mim o careca trabalhava mais eu queria ter meu dinheiro mesmo eu não precisava sair de casa as meninas vinham na minha na minha casa, ai nos mudamos pra plantel ai eu parei de vender Avon ai fiquei parada (Entrevista com Ferreira, 2018).

O fato de não ter perspectivas de ocupação para essa juventude no meio tempo os deixa um pouco desanimados de permanecer e morar no acampamento. Nossos colaboradores possuem em comum o fato de serem jovens mais suas necessidades acompanham seu estágio atual de vivencia suas experiências passadas no primeiro acampamento e até mesmo antes de vim para o mesmo.

No caso de uma das jovens entrevistadas temos uma interessante percepção, ela não desacredita totalmente da vida no acampamento, apenas se sente como uma jovem que ainda quer viver mais coisas conhecer outros lugares e pessoas mais deixa claro que pretende ainda morar no assentamento assim que puder:

O careca arrumou um lote lá perto da escola nova e fez uma casa ai ficou melhor, agora eu só venho no acampamento andar no lote da minha mãe porque nós não fizemos barraco, e nem vamos fazer agora só quando sair o nosso lote, tu sabe né que o nosso ficou dentro da área da fazenda, ai nós estamos esperando a boa vontade do INCRA, enquanto isso eu fico na vila Sororó (Entrevista com Ferreira, 2018)

A necessidade de dinheiro e de outros recursos elementos essenciais para os acampados, e se mostra como um dos entraves para a permanência de jovens que gostariam de ficar na área de assentamento, mais são obrigados a sair em busca de novas oportunidades de trabalho. Porém, antes de nos aprofundar na importância do emprego remunerado para os jovens, e as contradições da centralidade do trabalho no campo, devemos conhecer o papel da educação formal nas vidas dos jovens acampados.

## **Educação**

Para as famílias acampadas a educação significa uma forma de luta, de resistência e de transformação. O acampamento Helenira Resende é um dos múltiplos territórios camponeses onde criou raízes o movimento da educação do campo, entendida esta como “um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.” (Dicionário da Educação do campo, 2012)

A escola Roseli Nunes foi instituída de maneira extraoficial com o trabalho de professores voluntários que começaram a trabalhar até a legalização da escola pela prefeitura de Marabá. As aulas começaram no oitavo mês de acampamento, uma equipe do setor de educação formalizou um diálogo com a Secretaria de Educação (SEMED), que mandou uma equipe para verificar a possibilidade anexar a escola ao município. Após a negociação com a secretaria de educação houve um acordo com a comunidade em trazer para o acampamento a Escola Alto Alegre a qual estava sendo desativada por falta de alunos. Para além do ensino fundamental e alguns projetos,

a escola Alto Alegre é um espaço da educação do campo em quanto integra o calendário escolar às necessidades da realidade da comunidade. A merenda escolar fornecida a través do PNAE é vinda da agricultura familiar da região, como é o caso de frutas, legumes e grãos é fornecida da agricultura familiar através de cooperativas organizadas. Porém, a situação dos jovens do Helenira Resende em termos de acesso à educação se encontra hoje nas mesmas condições que elenca Guaraná de Castro (2012):

No acampamento, com o tempo, tem sido abertas oportunidades de estudo para os jovens, mas não são o bastante: de pouco em pouco por falta de oportunidades, sejam estas de trabalho ou de estudo, a juventude vai deixando o acampamento, seja por que a escola só oferta aulas até o nono ano do segundo segmento de ensino modular. Para estudar o ensino médio é preciso sair, pode encontrar o ensino médio na vila mais próxima que é a vila Sororo, ou nas cidades de suas opções ou por obrigação, seja porque a questão de trabalho nos dias de hoje está precário ingresso no mercado de trabalho para essa juventude.

Precisamente, o processo de consolidação do acesso à educação no Acampamento HR, existe desde o começo pela luta, não só pela terra, senão pelo direito a escolarizar as nossas crianças. O MST descobriu que os acampamentos e os assentamentos são uma escola, e acredita que as participações nas mobilizações e nas lutas educam o sem-terra. Educação que é aprofundada pela reflexão sobre a vida, desde a prática.

Em estudo sobre a educação em assentamentos (Brasil, 2005), essas dificuldades se confirmam como nacionais. De 2,5 milhões de entrevistados, 26% têm entre 16 e 30 anos; se somarmos este número à população com menos de 15 anos, ampliamos o percentual para um universo de 64%. Desses, 38,8% frequentam escolas (987.890), sendo: 48,4% estudantes do primeiro segmento do ensino fundamental (representando 95,7% da população com idade para estar matriculada nestas séries); 28,5% do segundo segmento do ensino fundamental; e apenas 8% do ensino médio e profissionalizante. Dos que têm até 18 anos e estão fora da escola, 45% estudaram até o 5º ano do ensino fundamental e 14% não estudaram. O 6º ano do ensino fundamental é marcado por uma evasão significativa. Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2005), uma das principais razões para o abandono da escolarização é a dificuldade de acesso às escolas a partir desse ano e, em especial, do ensino médio. De fato, a maioria dos assentamentos tem escolas de 2º urbanas. Dos que estudam na cidade, 40% frequentam escolas localizadas a 15 km de sua residência. Se ampliarmos para aqueles que estudam a 6 km ou mais, temos 77% dos estudantes. Dentre os principais motivos para crianças e adolescentes (7 a 14 anos) abandonarem a escola, 31% responderam que a escola é muito longe.

Os entrevistados para essa pesquisa se encontram, mas de dez anos depois, numa condição semelhante. Como contam nas suas histórias, ao chegar crianças foram alfabetizados embaixo da lona preta, posteriormente formados na escola reconhecida oficialmente pela prefeitura. No início de 2013 o setor de educação do movimento buscou junto a SEMED agilidade no processo de inserir o sistema modular de ensino para atender os alunos que estudam do 6º ao 9º ano, e desde então os jovens do acampamento estão sendo atendidos no programa modular, cujas dificuldades e problemas terminam por impossibilitar um ensino médio de qualidade para os jovens acampados.

O problema que estes jovens acampados enfrentam não se resume a que suas esperanças de continuar a educação estão sendo cortadas pela falta de acesso ao ensino médio dentro da comunidade. É também por que nessa fase de passagem de adolescência para a juventude, que ocorre a explicitação do modo como o conhecimento se relaciona com o trabalho e é nesse momento que os jovens estão projetando suas vidas como componentes da população economicamente ativa, o que inclui as escolhas profissionais, mas também a perspectiva de poder se sustentar, formar uma família e garantir as condições da sua reprodução no nível econômico e social. Tal e como explicam Frigotto e Ciavatta (2012), é necessário

Compreender a importância fundamental do trabalho como princípio fundante na constituição do gênero humano. Na construção da sociedade, cabe interiorizar desde a infância o fato de que todo ser humano, enquanto ser da natureza e, ao mesmo tempo, distinto dela, não pode prescindir de, por sua ação, sua atividade física e mental, seu trabalho, retirar da natureza seus meios de vida. A afirmação remete à produção do ser humano como um ser da natureza, mas também como produto da sociedade e da cultura de seu tempo. Trata-se, então, de, no processo de socialização, afirmar o entendimento do meio de produção e reprodução da vida de cada ser humano – o trabalho – como um dever e um direito em função exatamente do seu caráter humano. (Frigotto e Ciavatta, 2012)

É necessário ressaltar aqui um trabalho que poucas vezes é considerado como tal pelos próprios sujeitos; o trabalho feminino, como avós, mães e filhas, cabeças de família, companheiras na roça e nas tarefas do lote, tomando conta da casa, das roupas, dos alimentos, e ainda fazendo bicos por fora para ajudar ao sustento da família e no cuidado das crianças. As jovens do acampamento Helenira Resende não fogem a essa realidade, tão bem descrita por CELECINA DE MARIA VERAS SALES (2007):

Nessa realidade, mulheres jovens trabalhadoras rurais (pequenas agricultoras, posseiras, pescadoras artesanais, extrativistas, arrendatárias, meeiras, parceiras, assalariadas rurais, sem-terra, acampadas, assentadas e indígenas) produzem alimentos e garantem a subsistência da família, além de se ocuparem também com o plantio de ervas medicinais e com o artesanato. Suas atividades se confundem com os diversos espaços de trabalho; elas, ao mesmo tempo em que cuidam da casa, carregam água, cuidam também dos pequenos animais (galinhas, cabras e porcos) e das hortas. Além dessas atividades que se concentram principalmente na casa e no quintal, elas ainda desenvolvem trabalhos no roçado, principalmente no período do plantio e colheita. Por não desenvolver todas as etapas do roçado, e por ser uma atividade liderada pelo homem adulto, esse trabalho é qualificado como ajuda, tanto no interior da família como nos sindicatos e órgãos públicos, o que inviabilizou durante muito tempo o reconhecimento das mulheres como trabalhadoras e, conseqüentemente, a garantia de seus direitos sociais. Embora as mulheres estivessem presentes, ou mesmo liderado lutas pela conquista da terra, elas não eram beneficiadas pelos Planos e Projetos de Reforma Agrária. Em 2003, através da Portaria 981/2003, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), torna-se obrigatória a titulação da terra em nome do homem e da mulher, em situações de casamento ou união estável. Para reparar as desigualdades de gênero, no que diz respeito aos direitos das trabalhadoras rurais, foram criados alguns projetos<sup>7</sup> que contemplam demandas dessas mulheres. (Sales, 2007).

Os depoimentos das moças que participaram deste processo de pesquisa mostram o quanto essas realidades estão presentes na vida dos jovens acampados:

Tenho 21 anos não estudo faz tempo desde que tive meu filho L. Eu parei de estudar no 7º ano talvez ano que vem eu estudo, e eu trabalho na minha casa e na roça com meu marido quando ele não tá trabalhando no município de ajudante de pedreiro. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Sou do 9º ano daqui mesmo da escola do acampamento, e faço parte da militância da juventude dentro do acampamento, quando tem alguma manifestação ou alguma festa nós da juventude que ajuda organizar e enfeitar, se for pra brigar agente também briga sim tenho 16 anos cresci aqui no acampamento, e eu não trabalho aqui não tem o que fazer a não ser ajudar minha mãe na roça por que mora só eu e ela lá em casa, (Entrevista com Ferreira, 2018)



Tenho 16 anos tenho uma filha de um ano e eu parei de estudar ano passado pra ter ela mais eu voltei esse ano estou no oitavo ano aqui mesmo eu até que gosto de estudar mais a nenê me dá muito trabalho ai eu deixo ela com minha avó ou com minha mãe pra eu ir pra escola eu não trabalho minha mãe ainda recebe bolsa família e me ajuda no que pode eu não sei fazer muita coisa então não tem nem como trabalhar mesmo eu moro é aqui e aqui não tem emprego de nada nem um curso nada. (Entrevista com Ferreira, 2018)

E é precisamente o trabalho uma outra encruzilhada com a qual os jovens do Helenira Resende se enfrentam pra poder pensar um futuro no campo. Dentre as muitas preocupações dos jovens acampados e os mais variados aspectos, o trabalho aparece nas narrativas como fator de preocupação de um modo geral, os jovens que optaram por permanecer no campo e tem a intenção de trabalhar com agricultura no caso o plantio de legumes e hortaliças, plantio de mandioca e fazer farinha, que são atividades já desenvolvidas pelos seus familiares, como também desenvolver outras atividades fora da roça que é o caso de um jovem que trabalha na oficina mecânica de motos, e da moça que trabalha como vendedora de produtos de beleza. Tais apontamentos me levaram a um questionamento. Será que necessariamente todos os jovens acampados precisam ter o trabalho da lida com a terra ou criação de animais, como única possibilidade de trabalho? E, em contraste, será que o trabalho assalariado é o único trabalho que lhes permitirá permanecer no campo?

A partir de conversas realizadas com membros do acampamento (e nesse caso não me refiro somente aos jovens), percebi que as pessoas que saíram da cidade e retornaram pro campo construíram com suas próprias práticas e experiências de vida em grande parte ligada ao trabalho do campo que aprenderam com seus pais e hoje querem passar para seus filhos e netos, possuem uma grande relação cultural tradicional da pequena produção feita manualmente com enxadas e outras ferramentas. Mesmo integrando uma nova geração muitas vezes não nascida no campo, muitos jovens aprendem com a família em suas trajetórias todas ou quase todas as formas de trabalhar a terra.

Porém, também chamou minha atenção que esse trabalho do campo nem sempre era percebido como um trabalho, em comparação com o emprego (entendido como trabalho assalariado), e que inclusive os próprios jovens tinham interiorizado a ideia de que as múltiplas atividades que realizam eles e as suas famílias no lote não contam como trabalho. Será que essa desvalorização do trabalho camponês é fruto da perpetuação da herança colonial, porém apenas enfatizando os aspectos subordinados da diversidade do trabalho camponês? (Alentejano 2012)

De um lado, os portugueses instituíram o trabalho escravo como forma dominante de exploração do trabalho nos latifúndios onde, reduzidos à condição de mercadorias, índios e, sobretudo, negros, trazidos de diversas regiões da África, eram submetidos a condições brutais de exploração e violência. De outro, multiplicaram-se formas de organização do trabalho no campo entre os homens livres e pobres da ordem escravocrata. Surgem, assim, as múltiplas forma de trabalho camponês no Brasil, sejam aquelas marcadas pela subordinação direta dos camponeses aos latifundiários, como agregados – isto é, trabalhadores que em troca do direito de morar e produzir no interior do latifúndio fazem diversos tipos de serviço para os latifundiários, inclusive os de jagunço –, sejam as do campesinato livre, tais como os posseiros, dando origem ao trabalho familiar no campo, mas também a múltiplas formas de trabalho coletivo: mutirões, puxirões etc. Surgem também as formas resultantes da resistência contra a escravidão, materializada na presença dos Quilombolas no campo brasileiro (Alentejano, 2012: 757-758)

No tempo comunidade de 2018, acompanhei as aulas do modular na escola do acampamento, e percebi uma sequência de falas dos jovens que participaram da aula do dia 04-05, aonde podemos evidenciar como falta valorização do trabalho de casa, com as crianças, no campo, no lote, e quanto ele não é tido como importante porque não é trabalho assalariado. (Ferreira, 2018)

Tenho 16 anos moro com minha mãe, por enquanto eu não trabalho só ajudo mesmo minha mãe em casa arrumando e lavando louça e roupa eu não faço comida ela é que faz, a eu estudo o 9º ano aqui mesmo na escola alto alegre. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Tenho 17 anos moro com meu pai e minha madrasta não estou estudando esses dias eu desisti mais eu estudava no 2º ano do ensino médio lá na Adelaide Molinari eu trabalho com meu pai carregando água na caminhonete dele por que aqui não tem muito poço ainda, a gente ganha algum dinheiro com isso mais é coisa pouca, eu também gosto muito de caçar e pescar no rio vermelho nos finais de semana. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Como todos já me conhece estudo na Adelaide Molinari faço o 2º ano e eu gosto muito de trabalhar na oficina de motos as vezes quando o rapaz precisa eu vou ajudar ele ai ele me paga eu também faço farinha mais meu pai na roça do seu T.; lá ele tem muita mandioca ai a gente pega de meia o que a gente fizer agente dividi, minha idade é 17 anos. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Tenho 17 anos e estudo aqui mesmo na escola alto alegre no 8º ano, eu trabalho na fazenda paraíso que fica aqui perto do acampamento, ajudando meu tio com as vacas tiro leite tudo que é preciso que eles manda eu faço, e a tarde eu venho pra casa pra mim vim pra escola saio 6:00 horas de casa todo dia nós vamos de moto. Até que eu ganho um dinheiro pra comprar minhas roupas e caderno pra estudar, a e eu moro com minha vó e meu vô. Mais é bem perto da casa da minha mãe. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Ultimamente não estou fazendo nada só em casa mesmo ou alias só fazendo casa com minha mãe agente é só mudando de acampamento, eu já quase sei fazer casa mais não ganho nada de dinheiro só trabalho mesmo. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Tenho 20 anos também estudo na escola Adelaide Molinari no 3º ano agora no momento eu não estou trabalhando por que estou estudando se eu sair pra trabalhar fora ai eu perco meus estudos, então minha mãe trabalha lá na cidade e eu fico em casa, no final da semana ela vem e meus irmãos nas férias vão com ela e quando tem aula eles fica com minha vó eu também fico mais é com minha vó a casa dela é do lado da nossa, eu as vezes vou ajudar o rapaz da oficina de moto para ganhar uns trocados. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Eu não estudo mais gosto de participar das coisas que acontece no acampamento sempre que posso estou aqui pra ajudar vocês eu trabalho fora e venho pra casa nos fins de semana tenho esposa e um filho e quando não tem trabalho pra fazer eu vou pro meu lote limpar e fazer alguma coisa, eu me viro pois tenho que dar de comer para minha família tenho 20 anos e moro aqui faz quatro anos nessa luta de sair pra trabalhar voltar, por que aqui não tem trabalho, só na escola mesmo que a gente ver algumas pessoas trabalhando e só. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Como já falei na parte inicial desse trabalho minha preocupação gerou em torno da questão permanência dos jovens acampados e organizados pelo MST. Ao longo da minha convivência no acampamento desde a primeira ocupação na fazenda Cedro, percebi que muitos jovens no início eram entusiasmados, cheios de ideias e projetos de vida, mais ao longo do processo da luta pela terra, alguns jovens e famílias começaram a desistir e retornar para a cidade.

Enquanto os pais desenvolviam algumas atividades de trabalho os jovens por sua vez cumpriam com algum tipo de responsabilidade seja para cuidar de seus irmãos mais novos, como para preparo da alimentação para toda a família, o cuidado dos plantios, limpeza de casa, e até em realização de trabalho fora de casa para ganho financeiro para ajudar na alimentação, no calçar e no vestir seu e da família.

Dessa forma o jovem não é apenas aquele que possui a idade de jovem mas aquele que integra atividades normalmente associadas a juventude como as desenvolvidas pelo setor da juventude e lazer, mesmo diante de tantos entraves a permanência dos jovens, dos poucos deles mesmos atraídos pelos aspectos da cidade resistem e optam em ficar no acampamento ou nas áreas de roça com seus familiares. Como nos conta acima um dos entrevistados,

Aqui eu e o meu amigo que somos os mais jovens assim e temos um peso bastante grande, eu já tinha um peso antes de vir para o acampamento porque eu sempre as vezes precisava me virar pois morava só com minha mãe e minhas irmãs, mais aqui dentro a gente aprende a ter mais responsabilidade sim (Entrevista com Ferreira, 2018)

Porém, a falta de dinheiro e oportunidades de trabalho e emprego resulta desanimadora para eles, muito apesar da sua ampla e diversa capacidade de assumir responsabilidades adultas que estes jovens desenvolvem desde muito cedo, especialmente no contexto do movimento. Essas entrevistas têm em comum a percepção que os jovens tem sobre que eles não estão fazendo nada, em quanto que se dedicam a uma infinidade de tarefas que são pouco ou nada reconhecidas. A perspectiva de receber dinheiro em troca pelas atividades realizadas lhes faz confundir e comparar negativamente, cada vez mais, o seu próprio trabalho com o emprego assalariado. Assim, eles param de reconhecer o trabalho na roça, na casa, na horta, na família, nem lavar louça ou roupa e começam a pensar em emprego assalariado como única fonte de trabalho: seja numa oficina, fazendo diárias na fazenda, como pedreiro, professor, etc.

A questão financeira, principalmente para os jovens muitas das vezes possibilita a venda da força de trabalho dos mesmos a qual quer custo ou condições, um trabalho mal remunerado e sem assistência nenhuma por parte do contratador, mais que se faz necessário mesmo por que é uma alternativa para um ganho para ajudar nas despesas da casa, como para saciedade do próprio consumo, é importante ressaltar que nem todos os jovens se ocupam a desenvolver essas árduas atividades de trabalho.

Tenho 17 anos estudo o 3º ano na escola Adelaide Molinari eu gosto muito de trabalhar pra ganhar dinheiro eu ajudo minha mãe na escola que ela é vigia e ela me paga as vezes faço trabalho na secretaria e o diretor me paga estou terminando o ensino médio já pensando em uma faculdade de pedagogia eu pretendo ser professora. (Entrevista com Ferreira, 2018)

Como os estudos de Guaraná de Castro (2012), Lima (2013) e Caldart et al (2012) constatam, a juventude do campo é a principal afetada com essa falta de garantias para a permanência dos jovens no campo, por carecer da estabilidade econômica que o trabalho camponês autônomo e o emprego com plenos direitos poderiam trazer. Os índices de desemprego se agravam com o passar dos tempos, com isso cresce a necessidade de lutar por melhorias de condições de trabalho e remuneração, a luta dos nossos entrevistados tornou-se uma luta pelo emprego em si, e é nesse universo de luta por trabalho informal que se inserem os jovens pobres eles precisam adentrar ao mercado de trabalho, seja para contribuir com a renda familiar quanto para satisfazer suas próprias necessidade de consumo, o que se ver hoje é a degradação da sobrevivência diária relacionada a integração econômica e social.

Sendo esse o caso, como então chegamos até esse ponto, sendo o campo brasileiro um lugar tão diverso nas suas formas sociais e culturais, ecológicas e políticas quanto nas suas formas de organização do trabalho? Porque os elementos mais coletivos dessa organização do campo estão sendo esquecidos atualmente quando os jovens consideram as tarefas familiares e de vizinhança realizadas nos seus lotes?

Os diversos apontamentos mencionados, nos fazem refletir sobre a mudança que envolve a situação de trabalhador esforçado que tem todo o direito de se mobilizar e lutar por condições melhores de vida. A mobilização realizada pelos trabalhadores do campo gira ainda em torno da

necessidade da reforma agrária, mas leva em conta que se torna importante a discussão, não só sobre a forma de divisão da terra para que todos possam cultivar seus alimentos, senão também sobre as diferentes formas de trabalho como mecanismos que garantem a permanência dos jovens e as suas famílias no campo, e que, por conta das mudanças trazidas pela modernização desigual da agricultura, termina afetando mais fortemente a esses jovens. Como Paulo Alentejano assinala,

A partir da segunda metade do século XX, verificou-se a expansão do assalariamento no campo como decorrência dos processos de modernização da agricultura, com destaque para o crescimento dos assalariados temporários (chamados de volantes ou boias frias, dependendo da região do país). A ampliação do assalariamento temporário na agricultura está relacionada ao fato de que nem todas as atividades agropecuárias são objeto de modernização nos mesmos ritmos e intensidades. Assim, em algumas culturas há a total mecanização dos processos de preparo da terra e plantio (com o uso de tratores e plantadeiras mecânicas), dos tratamentos culturais (com o uso de pulverizadores mecânicos ou aviões agrícolas para a pulverização das lavouras) e da colheita (com o uso de colheitadeiras). E isso implica a supressão de quase todos os empregos no campo, restando uma pequena quantidade de trabalhadores assalariados permanentes. Já em outras culturas, o processo de modernização é parcial, sobretudo no que se refere à colheita, que, em muitos casos, ainda é feita manualmente, seja por opções técnicas ou econômicas. De todo modo, o resultado desse descompasso entre a eliminação da demanda de trabalhadores nas épocas de plantio e tratamentos culturais e a persistência ou até ampliação da demanda no período da colheita é o aumento do assalariamento temporário, posto que os fazendeiros passam a contratar os trabalhadores apenas na época da colheita. (Alentejano, 2012)

A exploração do trabalho informal dos jovens, a falta de segurança alimentar e financeira, e a ausência de um projeto de vida que permitisse ao jovem vislumbrar a construção de um futuro, jovens que viveram a realidade da pobreza urbana, são questões que perpassam o cotidiano urbano desses deles e das suas famílias. Aquelas crianças que chegaram ao acampamento e aos poucos aprenderam os modos de trabalho camponês, hoje se encontram cercadas pelo crescimento do monocultivo e a criação de gado em grandes extensões de terra, e a sua mão de obra e a sua produção se deixaram de ser valoradas e na atualidade estão com dificuldades para encontrar saídas alternativas ao subemprego e ao desemprego do qual, em primeira instância, suas famílias fugiram quando vieram da cidade para formar o acampamento.

Ao longo do processo de modernização percebemos as dificuldades dos trabalhadores que passaram por processos paralelos, no campo e na cidade, mais que de alguma forma colaboraram para essa tal modernização no campo, além da expulsão do pequeno agricultor das terras e o aumento de pastagens na região, observa-se pouca mão de obra e com isso o uso de maquinário nos processos produtivos que diminuem a necessidade de braços para cultivar a terra, a organização dos movimentos sociais inclusive o MST, possibilitou a esses trabalhadores a sair da pobreza da cidade e retornar ao campo em busca de terras para plantar e colher seus alimentos, mais em meio a muitas observações podemos ver que o modernismo acompanha muitos deles e delas que já não conseguem sobreviver sem algumas regalias que o mundo moderno pode oferecer (Alentejano, 2012:756).

Nossos colaboradores vivenciaram os problemas cotidianos das famílias aqui acampadas sentiram na sua própria vida as dificuldades de se estabelecer no acampamento. A aproximação com o movimento MST lhes permitiu aprender um pouco mais sobre a vida no campo e principalmente a vida no acampamento. Porém, a despeito dos esforços educativos e de territorialização da reforma agrária, os despejos recentemente realizados e a divisão territorial da fazenda Cedro representam um novo momento na luta pela terra e os espaços de produção envolvendo os jovens e demais trabalhadores, onde alguns moravam na cidade e que de certa forma vieram para o

acampamento em busca de melhoria de vida mesmo sabendo que iriam passar por dificuldades, mas agora se encontram num caminho para o qual não é fácil encontrar saídas.

Percebe-se que escolher a identidade de trabalhador rural sem-terra e encontrar-se em um acampamento do MST, não os desvinculam totalmente da identidade urbana. Ao resistir e decidir pela permanência no acampamento eles demonstram sua intenção de trabalhar com a terra e de viver de outra forma, embora não seja o que realmente fosse o que escolheram para suas vidas futuras mais como podemos observar é que esses jovens vêm acompanhando seus familiares e sem mais expectativas de vida na cidade, não se trata de uma escolha por liberdade mais sim de uma busca por sobrevivência.

Nessas falas podemos ver o quanto que a juventude que ainda resta no acampamento sente saudades dos velhos tempos que não são tanto tempo assim mais pelos os estragos dos despejos provocados pelos processos de reintegração de posse dessas terras desacomodou a todos, hoje muitos dos acampados estão morando em terras da união mais não podem ainda dizer que são suas, a grande maioria dos jovens se encontra sem escola e sem possibilidades de emprego, e outros que tiveram as terras demarcadas na área da fazenda Cedro estão acampados, sem as necessidades mais básicas cobertas, em uma pequena área com todas as dificuldades a maior é a precariedade de água.

Acho que aqui não tem mais jovens mais velhos por que a maioria que tá morando agora é de 15 e no máximo 20 anos, por que já foram embora muitos jovens tinha uma galera boa aqui, antigamente o setor era uma beleza, a gente fazia intervenção cultural, era encontro direto sempre a gente inventava uma coisa pra fazer, era uma galera no ônibus escolar, nas manifestações, nas festas, e hoje não tem mais ônibus e nem festa, só manifestação, mais não é mais bom, como era antes acho que tudo isso é por causa de tanto despejos que tá tendo agora. (Entrevista com Ferreira 2018)

## **Conclusões e reflexões**

Entendemos que o problema da permanência é bem mais complexa para o estilo de vida do campo de antes, para a vida no campo de hoje, os jovens buscam a modernidade, a tecnologia a sua disposição, eles anseiam em experimentar o mundo, relacionar-se com outras pessoas trocar conhecimentos e amizades mais profundas, pensar o futuro é pensar tudo isso e mais, no entanto a forma como essa modernidade vem se desenvolvendo cada vez mais, tem gerado uma sensação de insegurança que faz com que os jovens vistos como o futuro da nação os levam a pensar que para isso precisam interagir com o mundo moderno chamado agronegócio e suas relações, o perigo que os convidam com suas propagandas bonitas de que não precisa mais capinar é só jogar veneno e pronto, e isso já está acontecendo é muito aqui tanto no acampamento como nas áreas de terras ocupadas.

Nossos colaboradores possuem experiências comuns de vivência no campo, ainda que possam ser temporárias, mas no entanto cada um apresenta uma maneira particular de ver o processo da luta pela terra e a construção de suas vidas como membros de uma comunidade em uma área de conflito que possui projetos alternativos de sociedade. Nesse sentido, podemos sim afirmar que os jovens do acampamento estão se sentindo identificados como camponeses, e fazem referência a essa identidade, que aos poucos vem sendo assumida com a necessidade do trabalho de cultivar a terra, que hoje faz parte de suas experiências de vida. Todos são filhos de trabalhadores rurais que buscam uma condição de trabalho autônomo em pequenas áreas de terras, para plantar e colher para seu próprio alimento e comercialização, e todos entendem que a luta pela reforma agrária existe para lhes dar tal oportunidade.

As falas de dois jovens acampados resumem esse sentir:

Eu não ligava muito pra política não ligo ainda, não gosto muito dos governantes nem do INCRA que não resolve logo isso direito quando me lembro que derrubaram nossa casa que já tava construída e tudo ai vem esses covarde e derruba conflito pra mim é isso covardia de fazendeiro contra sem-terra. Antigamente eu não tinha muita noção da luta pela terra agora sim estou mais por dentro depois dos despejos perdemos tudo assim a casa o lote o nosso lote ficou na área da fazenda ai o pai não tem nem como plantar as coisas pra nós comer, agora ele trabalha pra um e outro pra ganhar um dinheiro, e a mãe tá trabalhando na escola como merendeira, ai ajuda nas despesas eu até que trabalho na oficina de moto, ai a gente leva, eu ajudo o pai a tirar açaí quando é tempo, e plantar mandioca, fazer farinha ai o tempo passa (Entrevista com Ferreira 2018).

Outra coisa também que faz parte é que os homens e as mulheres, mais os homens quando ia para alguma luta iriam munidos com suas ferramentas de trabalho, levavam foices, facão, enxada, como também suas bandeiras do MST, as cabeças amarradas com lenços vermelhos, ou bonés, alguns que podiam comprar camisetas do movimento costumavam se vestir de acordo com a luta (Entrevista com Ferreira 2018).

A meu ver dentro de muitas questões abordadas, como a sociabilidade e a questão do trabalho são fundamentais para a permanência da juventude no acampamento. Com relação ao lazer seria interessante dar continuidade às atividades que incentivam a arte, a educação e a sociabilidade, entre outras atividades possíveis. Também defendo a necessidade de estímulo para que esses jovens sobre tudo os que não tem filhos circulem passem e estudem em fim tenham mais vivências dentro da comunidade tal como fora dela.

Porém, pensar sobre os jovens não se separa da viabilidade econômica de toda a comunidade, a vivência juvenil hoje é uma condição existente para todos os segmentos sociais. Alguns desses jovens são obrigados a assumir responsabilidades de adultos sem que possuam maturidade e experiências para tanto, a fase de transição para a vida adulta passa pela experimentação de erros e acertos nos quais se fundam as experiências que serão necessárias para uma boa estruturação dos anos seguinte de suas vidas.

O trabalho coletivo, que poderia proporcionar essa troca de experiência foi aos poucos acabando, como era o caso da horta coletiva e a casa de farinha, que por motivos de mudanças também acabaram, as famílias em geral tem optado pela produção individual, o que torna a sustentação econômica com base no trabalho agrícola ainda mais difícil para os jovens sem experiência no campo. A importância de centra a atenção na permanência da juventude no acampamento envolve a preocupação de continuidade geracional do então assentamento pensando num futuro bem próximo. O trabalho faz parte do ser jovem como em muitos casos, e é condição essencial para sua existência.

Sobre a questão da geração de renda no acampamento seria interessante que se proporcionasse trabalho no mesmo espaço, mais sabemos que nem sempre isso é possível, com isso seria bom pensar a integração do campo e a cidade, está orientando não somente esses jovens que participaram desse trabalho mais também todos os jovens e comunidade em geral de que o trabalho não precisa ser somente voltado para produção agrícola e nas criações de animais, para que possam permanecerem no acampamento.

A região onde se localiza a área do acampamento, ou pre-assentamento Helenira Resende, não tem problemas com transportes pois a mesma encontra-se a beira da BR 155, não havendo problemas para escoação de produtos que venha a ser comercializados, mais no entanto não acontece, as famílias temem em fazer grandes plantações por medo de ter novas ordens de despejos, enquanto isso vão vivendo suas vidas como podem e na esperança de que um dia a tão sonhada reforma agrária aconteça.

Todas essas dificuldades para permanência no acampamento demonstram um sério problema em relação ao atual estágio de organização do movimento, afinal quem será capaz de assumir o que foi conquistado e construir o futuro do então provável assentamento se continuar sem alternativas viáveis para a geração de renda, se, de continuar como vamos, ficaremos com uma área rural (e não camponesa, isto é, não trabalhada pelas famílias que em ela moram), apenas sendo ocupada basicamente por adultos, idosos e crianças, em quanto que a pequena quantidade de jovens hoje no acampamento vai saindo lentamente para as cidades.

É por isso que pensamos, em concordância com o expressado de formas diversas pelos nossos entrevistados, que a proposta de acampamento também pode oferecer mais opções de trabalho para esses jovens, integrando o trabalho do campo com outras formas de geração de renda como o comércio, beneficiamentos de produtos do assentamento, artesanato em fim, essa perspectiva visa não somente apenas permitir que alguns jovens fiquem no acampamento mesmo não desejando trabalhar na terra ou com criação de animais. Esse, acreditamos, é o maior desafio que temos, como acampamento pela frente.

## Referências

Alentejano, P., “Trabalho no campo”, em: VVAA., *Dicionário da Educação do Campo*, Ed. Expressão Popular, Rio de Janeiro, 2012, págs. 755-759

Bauman, Z., *Identidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005

Bogo, A., *Identidade e luta de classe*, São Paulo, Expressão Popular 2010 264 p.

Caldart, R., et al (ed). *Como se formam os sujeitos do campo Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores*, PRONERA - NEAD, Brasília, 2006

CELECINA DE MARIA VERAS SALES, Mulheres rurais tecendo novas relações e reconhecendo direitos Universidade Federal do Ceará agosto 2007.

Frigotto, G. e Ciavatta, M., “Trabalho como princípio educativo”, VVAA., *Dicionário da Educação do Campo*, Ed. Expressão Popular, Rio de Janeiro, 2012, págs. 748-755

Ferreira F. Relatórios das metodologias VI e VII estágio docência, Faculdade de Educação do Campo, UNIFESSPA, Marabá, 2018

Guaraná de Castro, E. *Juventude do campo*, em: Caldart et al., *Dicionário da Educação do Campo*, Expressão Popular, Rio de Janeiro, 2012

Lima, S M. V. et al., *Juventude Rural e as Políticas e Programas de Acesso à Terra no Brasil: Recomendações para Políticas de Desenvolvimento para o Jovem Rural*, Brasília: MDA, 2013  
Van der Ploeg, J., *Camponeses e impérios alimentares*, editora da UFRGS, Porto Alegre, 2008.

Mançano, B, “Território camponês”, VVAA., *Dicionário da Educação do Campo*, Ed. Expressão Popular, Rio de Janeiro, 2012, págs. 748-755

Sujeitos do campo

Revista do MST, sem dados

Muniz R., RELATÓRIO TÉCNICO DE OBSERVAÇÃO NO ACAMPAMENTO HELENIRA REZENDE E ENTORNO, UNIFESSPA MARÇO 2018